

## A Folia do Divino de Planaltina em sua iconografia: da fé às imagens

Givas Demore,  
Beatriz Magalhães-Castro  
UnB

A folia do Divino de Planaltina - DF é uma manifestação cultural religiosa que celebra a terceira pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo. A folia se fundamenta nos diversos rituais que contemplam a oração, a fé, o canto, as cavalgadas e os pousos. Seu arcação ritual dá forma às mais diversas maneiras representativas da devoção do povo: imagens, gestos, cores, esculturas e etc. Os diversos símbolos que a Folia traz em seu corpus ritual nos ajudam a compreender quais os motivos dessa devoção e como ela se manifesta, além de revelar os aspectos rituais dos foliões e servir como depositários da sacralidade da festa. A constituição simbólica da folia é complexa, ora se relacionando com o sagrado, ora se relacionando com a estrutura da festividade. Como principais símbolos da folia temos a bandeira do Divino, a imagem da pomba do Divino, o altar, a divisa e o lenço. Até mesmo a identidade dos foliões, que em sua maioria são pessoas advindas das fazendas que se situam nos arredores de Planaltina, é definida por símbolos. Dentre os símbolos, no que se relaciona aos foliões, tem-se a identidade do caipira, manifestada através do uso de chapéu, bota, bainha de faca, camisa de manga longa e de botão. Somando-se a isso temos a utilização da música aos moldes caipiras, através do dueto de vozes em terça, da utilização da viola caipira e etc. Assim vemos que as representações simbólicas são os fatores que contribuem para a identidade dos foliões. Objetivo desse estudo é compreender a manifestação afim de que se possa conhecer, através de sua iconografia, simbologia dessa prática musical de cunho religioso. Os registros iconográficos resultam da pesquisa de mestrado realizada na folia da roça do Divino Espírito Santo de Planaltina - DF, realizada no ano de 2018. A metodologia deste trabalho baseia-se no método iconográfico com vistas à interpretação dos valores simbólicos e descoberta do significado das obras em análise. Os resultados da pesquisa mostram que a folia da roça de Planaltina é um ritual que tem nos seus símbolos o enraizamento de sua fé. As imagens e símbolos são os elementos que se constituem parte integrante da manifestação. Através deles, constata-se o caráter de oração que a música da folia proclama. Conclui-se que a iconografia da folia da roça de Planaltina - DF demonstra o caráter devocional da festa. A bandeira do Divino, que abriga a pomba, é o elemento por meio do qual o Divino se manifesta e derrama suas graças e benesses sobre seus foliões.

## 1. Aspectos preliminares

Este trabalho tem por objetivo propor uma análise a respeito dos símbolos utilizados na Folia do Divino da Roça de Planaltina (FDRP), a fim de compreender a manifestação, conhecer sua simbologia e demonstrar quais os principais símbolos retratados nas imagens que emergem do contexto e, por fim, compreender os conceitos atrelados a essas imagens.

Baseamos nosso estudo nos pressupostos teóricos do historiador da arte Erwin Panofsky (1991), que propõe uma interpretação das imagens, considerando seu tempo e espaço. Para tal autor, “a iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição a sua forma” (*Ibid.*, p. 47). Iconologia é, por sua vez, “como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar” (*Ibid.*, p. 54). O presente estudo dialoga também com Eliade (1979), pois o autor versa sobre as imagens e símbolos e nos ajuda a entender como o homem vê os símbolos, assim como com Clifford Geertz (2008).

Através dessa análise, procura-se revelar a iconografia básica da festa do Divino a fim de que possamos compreender como essa devoção através de suas imagens. Colocamos de forma análoga a palavra símbolo e imagem, na medida em que os símbolos são as representações de algo que é motivo de veneração (como por exemplo a bandeira do Divino).

Destacamos o seguinte excerto de Panofsky (1991, p. 62-63): “se nossa experiência prática e nosso conhecimento das fontes literárias podem nos transviar quando aplicados, indiscriminadamente, às obras de arte, quão mais perigoso não seria confiar em nossa intuição pura e simples”. Deixamos claro que este trabalho se sustenta através de uma extensa análise dos padrões culturais dos símbolos e contexto dos foliões. Desse modo, com o auxílio da literatura, oferecemos um retrato cultural dos símbolos/imagens sob análise.

Os símbolos/imagens são os elementos que nos ajudam a compreender a devoção dos foliões. Tuner (1974) afirma que a compreensão dos símbolos (imagens) deve ser realizada a partir da interpretação dos membros da cultura. Assim podemos compreender a “a estrutura interna das ideias contidas no ritual” (*Ibid.*, p. 29). Geertz (2008), também traz a ideia de que devemos compreender que a cultura dos foliões se baseia em construções simbólicas envolvidas nos rituais e nos significados de seus símbolos. Conforme Geertz (2008), é a teia de significados (que os foliões imprimem aos seus rituais), que se concatena coletivamente, que permite a análise cultural, ou seja, a celebração da folia reúne os vários significados

culturais dos foliões, reunindo todo o conjunto de crença, ideias e valores que são orientadores do comportamento destes.

Conforme Castagna (2008, p. 25), “iconografia, por sua vez, é o estudo de fontes visuais [...], sendo um eficaz método de pesquisa musicológica”. Na Folia do Divino da Roça de Planaltina (DF), há um conjunto de imagens que se relacionam com o sagrado. São símbolos da folia, conforme Silva (2020): a bandeira, a pomba, o altar, a divisa e o lenço. Tais símbolos tem por objetivo transmitir significado que vai além da forma, das cores, da dimensão, da ornamentação.

## 2. O contexto da Folia da Roça do Divino de Planaltina (DF)

A Folia do Divino da Roça de Planaltina (FRDP), é uma festa religiosa baseada em uma tradição católica denominada pentecostes. Ela celebra a terceira pessoa da Santíssima Trindade como uma divindade doadora de dons e bênçãos e se organiza em torno de um ritual que é auxiliado pela música. Este ritual, para além da música, envolve oração, devoção, fé e gestos que se fundem dando forma à FRDP.<sup>1</sup>

A festa do Espírito Santo tem sua origem em Alenquer, uma vila do distrito de Lisboa, em Portugal (CASCUDO, 1999; LEAL, 1994). Atribui-se sua criação à Rainha Isabel, ao monge Joaquim de Fiore e à tradição hebraica.<sup>2</sup> O percurso do culto é longo. Segundo a tradição literária, ela nasceu em “Benavente, instalou-se em Alenquer, passando para Madeira, chegando a Açores e espalhando-se por vários territórios, incluindo pelo Brasil” (SILVA, 2020, p. 31).

A FRDP se manifesta através do grupo de folia *Caminhando com Cristo*, tendo como mestres - guias Joaquim de Felipe e Marcos Maciel. Em relação aos perso-

---

1 O termo folia é definido, desde a antiguidade em Portugal, como o conjunto instrumental utilizado nas procissões, cortejos e peditórios. A folia é um termo usado em sentido estrito - em muitos lugares onde ocorre a festa do Divino - significando exclusivamente o grupo de músicos que usam violas, violões e instrumentos percussivo para compor sua “orquestra ritual”, mas em Planaltina, ele designa a própria festividade no contexto rural. Os foliões a designam por folia da roça, fazendo alusão a toda a sua estrutura.

2 Sobre seus instituidores, afirma-se que foi a Rainha Isabel quem o instituiu o culto (CASCUDO, 1999; BAPTISTA DE LIMA, 1985; LOPES, 2004). Outros autores acreditam que o monge Joaquim de Fiore tenha sido o instituidor (FALBEL, 1996; LEAL, 1994; MEIRA, 2009; ROSSATTO, 2006). Para Santo (1988), o culto tem origem na tradição hebraica. A literatura aponta a Rainha Isabel como instituidora do culto, devido ao fato dela criar, em Alenquer, a igreja dedicada ao Espírito Santo.

nagens, podemos destacar os personagens do conjunto instrumental<sup>3</sup> e os personagens da organização.<sup>4</sup> Os personagens - sejam eles do conjunto instrumental ou da organização - são denominados como foliões de frente, possuindo obrigações, ou seja, possuem compromissos dentro da festividade. Aqueles que só participam, como expectadores, mas devotando sua fé no Divino, são chamados de foliões de presença, não tendo obrigação dentro da estrutura organizacional da festa.

A FRDP acontece por meio da música. A maior parte dos rituais são cantados. Ela utiliza um instrumental harmônico e percussivo para realizar seus rituais musicais: violas, pandeiro, reco-reco, caixa, acordeom, cavaquinho, rabeca e violão. A música, manifestada através dos cantos e do conjunto instrumental, é o elemento principal no ritual. Os cantos do ritual são chamados, pelos foliões, de cantórios e é um dos principais aspectos performativos do ritual. O cantar é fundamental na FRDP. Sem o cantar faltaria o elemento estético principal: a voz. São os aspectos textuais da música que transmitem mensagem: os pedidos, as diretrizes, as reverências, o louvor (adoração) e o agradecimento.

Tambiah (1985), afirma que a crença é o que motiva um ritual. A crença é dos elementos mais marcantes da folia, pois seu motivo é devocional, ou seja, os foliões - performaticamente, através do cantório - dedicam ao Espírito Santo, louvores, agradecimentos, pedidos e o cuidado de suas próprias almas. A devoção, a crença e a fé são os “temperos que dão sabor” à festividade e contribuem para o não isolar a música dos elementos extramusicais. Uma das características da FRDP é não esmolar com o conjunto instrumental, ou seja, a folia não sai às ruas realizando seu ritual de peditério, que é características das folias.

A FRDP ocorre durante todo ano. Ela é preparada através das novenas que são celebrações com finalidade de preparar o espírito dos foliões para celebrar a festa, Segundo Maria Beira-Rio. Eliade (1992), ao falar de tempo sagrado e tempo profano, coloca o homem sujeito ao dualismo, sem que um exclua o outro, ou seja, é possível viver os dois tempos: o sagrado e o profano. O tempo sagrado é revelado através da busca espiritual para celebrar o Divino. O que faz desse tempo sagrado é o homem religioso que por sua crença assim torna-se, lançando-se em misticismo e mistério.

---

3 Mestre – guia, guia de folia (violeiros responsáveis pelos cantórios. Cada guia possui dois ajudantes que cantam em terça), ajudantes do guia e do contraguia (cantores que cantam, em terça, o que o seu guia proferiu), caixeiro, rezadeira de ladainha, catireiro e os tocadores de reco-reco, pandeiro, acordeom, cavaco, rabeca, violão.

4 Cozinheiras, fogueteiro, mussungueiro, pouseiro, procurador, suplente do Alferes e regente.

A FRDP, no contexto urbano e rural,<sup>5</sup> é realizada há 158 anos e é considerada uma legítima referência cultural do DF pelo decreto nº 34.370 e também patrimônio cultural imaterial do Distrito Federal.

### 3. Análise iconográfica e iconológica

Panofsky (1991) explica que as imagens como parte da cultura podem expressar não somente uma ideia, mas toda uma visão e concepção de mundo. A partir dessa percepção já percebemos o quanto o autor vai além da análise puramente formalista e positivista. A teoria de Panofsky (1991) versa sobre iconografia e iconologia. Para o autor, tema e forma são distintos. A forma está contida dentro do tema primário. Forma é entendida como o aspecto verificável visualmente: traços, cores, linhas, formato. Panofsky (1991) chama, o que é percebido como forma de motivos artísticos. Tema se relaciona com o significado e se divide em três níveis, a saber:

I. Tema primário ou natural, subdividido em factual e expressional. “É apreendido pela identificação das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor [...]; pela identificação de suas relações mútuas como acontecimentos; e pela percepção de algumas qualidades expressivas [...]” são os motivos artísticos. II. Tema secundário ou convencional [é obtido quando] “ligam-se os motivos artísticos com assuntos e conceitos. É o tema em oposição à forma. III. Significado intrínseco ou conteúdo: “é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revela a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (PANOFSKY, 1991, p. 50-52).

Destacamos que, embora o autor destaque, essa metodologia, ela não apresenta uma metodologia dividida em passos (procedimentos), por assim dizer. Panofsky (1991, p. 64) afirma que

Devemos, porém, ter em mente que essas categorias nitidamente diferenciadas, que no quadro sinóptico parecem indicar três esferas independentes de significado, na realidade se referem a aspectos de um mesmo fenômeno, ou seja, à obra de arte como um todo. Assim sendo, no trabalho real, os métodos de abordagem que aqui aparecem como três operações de pesquisa irrelacionadas entre si, fundem-se num mesmo processo orgânico e indivisível.

---

5 A folia da roça ocorre no contexto rural e a festa do Divino é uma comemoração que ocorre no contexto urbano.

Conforme supracitado, os símbolos da FDRP são a bandeira, a pomba, o altar, a divisa e o lenço, mas além destes existem diversos símbolos que norteiam os rituais da folia do Divino: a bíblia, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, o crucifixo, o sino, as velas e etc. Nos seus aspectos formais, a bandeira do Divino Espírito Santo é vermelha, em formato retangular, fixada sobre um mastro que serve de apoio para segurá-la, tem em seu interior a figura de um pássaro que representa a divindade, o Espírito Santo. Sua cor é vermelha, porque o vermelho é “a cor litúrgica de Pentecostes” (SILVA, 2009, p. 47). Ela é adornada com fitas que representam os pedidos feitos pelos foliões que esperam uma graça. Seu empunhador é o alferes ou seu substituto.

**Figura 1:** Bandeira no ritual de pedido de agasalho. Foliões ao fundo. No pedido de agasalho, os foliões, reunidos em comitiva, pedem ao dono de uma fazenda para pousar, ou seja, pernoitar nela e realizar seus rituais.



Fonte: (SILVA, 2020, p. 152)

Eliade (1979, p. 13) nos diz que “as imagens, os símbolos [...], respondem a uma necessidade e preenchem uma função. Essa função é a imanentização do Divino Espírito Santo, como entidade doadora de benesses. Desse modo, a bandeira representa o Espírito Santo (o objeto) que é reverenciado (o acontecimento) e tem o poder de conceder benefícios aqueles que se dirigirem a ele com fé e devoção.

A bandeira ganha seus poderes quando ele é alvorada, ou seja, é introduzida no ritual, mas mesmo fora dele ela é um símbolo religioso que transmite uma mensagem. Afinal, “um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência” (*Ibid.*, 1992, p. 65). O ritual de alvorada ocorre, no primeiro dia, por meio do cantório de alvorada. Através do cantório de alvorada, os guias pedem ao Divino que desça e habite na bandeira. Segundo o mestre guia Joaquim de Felipe, “Não se pode realizar nenhum rito na FRP sem alvorar a bandeira” (SILVA, 2020), portanto todos os

ritos são realizados com a presença da bandeira. Para Eliade (1992, p. 13), “manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente”. Desse modo, mesmo desalvorada, que é o momento que ela perde seus poderes, continua sendo imagem do sagrado, objeto de reverência e culto.

A pombinha sagrada (ver figura anterior), como é carinhosamente chamada nas festividades do Divino, é a revelação da hierofania do Espírito Santo, ou seja, é a manifestação do sagrado, na bandeira ou fora dela. Os foliões possuem uma escultura dourada que fica posicionada em cima do altar, mas a maior utilização da pomba como representação do sagrado se faz através de imagem da pomba, grafada na bandeira, nas bandeirolas, nas roupas e etc.

A pombinha está presente no altar, na bandeira, na divisa e no lenço. Corrêa (2012) aponta que a pomba, nas festas do Divino, simboliza o Espírito Santo, passando de animal à representação do sagrado. Para Eliade (1992, p. 13), “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta”. Para Silva (2020, p. 153/154),

O costume de representação do Espírito Santo através da pomba advém da tradição cristã expressa na bíblia. No batismo de Jesus, “os céus se abriram e ele viu o Espírito Santo descendo como pomba e vindo sobre ele. Ao mesmo tempo, uma voz vinda dos céus dizia: Este é meu filho muito amado, em quem me comprazo” (BÍBLIA, 2002, p. 1708). A pomba como figura, seja grafada na bandeira ou através de escultura - esta, posicionada no altar -, é um símbolo do Espírito Santo. A pomba é o elemento sacro e representativo que confere sacralidade à bandeira.

A devoção à pombinha sagrada, através de sua escultura ou de sua gravura na bandeira expressam a dimensão de crença dos foliões que atribuem a essas figuras a representação de sua crença, servindo de apoio aos seus ritos, na medida em que significam a divindade, o Espírito Santo, materialmente. Sua cor é branca, pois comumente, na tradição cristã, associa-se a pomba branca ao Espírito Santo.

O altar constitui-se uma mesa retangular, adornada com toalhas de cor, normalmente vermelha, com flores e bandeirolas. Em seu fundo sempre há um lençol vermelho para conferir mais solenidade à sua aparência. O altar é o que se pode chamar de morada do Espírito Santo, segundo definição dos foliões. Conforme (SILVA, 2020, p. 154), ele “representa a dimensão visual e transcendental da sacralidade da festa”. É nele que encontramos a bandeira (quando não está sendo

empunhada pelo alferes), a bíblia, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, o crucifixo, o sino e as velas. Conforme Silva (2020), o altar é o ponto central da festa, os foliões atribuem-lhe o adjetivo de rico altar para expressar seu valor. A FDRP conta com diversos pousos, ou seja, paradas. Em todas elas há altares ornados com finalidade de abrigar símbolos, que remetem à divindade ou à devoção. “A característica recorrente em todos eles são flores, toalhas e ornamentos vermelhos, a pombinha, a bíblia, o sino, a cruz e a imagem de Nossa Senhora. Estes são elementos indispensáveis para a composição do altar na FRP” (SILVA, 2020, p. 155).

**Figura 2:** Altar ornado



Fonte: o autor

A devoção ao altar é tão profunda que os foliões possuem um momento no qual saúdam o rico altar e o beijam. Beijar o altar significa reverenciar o Espírito Santo. O altar é uma peça fundamental na devoção dos foliões. Ao amanhecer de cada dia, a primeira obrigação dos foliões é ir saudar o altar, antes do café da manhã.

A divisa e o lenço são símbolos identitários que revelam pertencimento à folia. A divisa, dourada, contendo uma imagem da pomba, enlaçada por fitas (em forma de cruz de santo andré) e adornada por detalhes que envolvem, circunlamente, toda a imagem da pomba, faz parte de uma tradição que confere (ou não) responsabilidades aos foliões. Conforme Silva (2020):

Seus cores revelam se o folião possui ou não obrigações/deveres. Se for, dourada, vermelha e branca, significa que o folião possui obrigação, ou seja, é um folião de frente. Se for em duas cores: branca e vermelha, indica ausência de obrigação, ou seja, é um folião de presença.



**Figura 3:** divisa do folião de obrigação.



Fonte: (SILVA, 2020, P. 156)

O lenço, em forma de triângulo, vermelho, amarrado ao pescoço é um símbolo de pertencimento e de identificação. É também um sinal de oração, ou seja, quem o porta está no clima de oração da festividade. O lenço traz informações a respeito da festividade. Segundo Silva (2020, p. 157):

O lenço é um símbolo que se prende ao pescoço e identifica os foliões. Sua cor é vermelha e seu formato é triangular. Ele trouxe a imagem da pomba do Divino em seu interior, o nome do alferes e do guia, a data, o nome da paróquia e do padre e a região a qual a folia pertence, além do lema que neste ano de 2019 foi: Espírito Santo, tornai-nos morada do vosso amor.

**Figura 4:** folião de presença (esq.) e folião de frente (dir.) com seus lenços e divisas.



Fonte: (SILVA, 2020, P. 156)

Além destes símbolos/imagens, outros se juntam ao contexto e permeiam as ações e devoção dos fiéis, compondo o cenário ritual da folia. Para Geertz

(2008), os símbolos são elementos diversos que vão desde acontecimentos até objetos. Nesse sentido, a própria festividade é um símbolo que gera uma imagem estrutural refletida em cada ato do ritual.

Toda festividade reveste-se de caráter celebrativo revelado a partir de decorações que supõem cores específicas, símbolos e ornamentações. Na imagem abaixo, vemos um arranjo disposto na entrada de uma das fazendas. Tal arranjo revela a cor litúrgica de Pentecostes, o vermelho, os lenços que são formas de dar mais dignidade e solenidade à celebração, bem como mini-bandeiras contendo a imagem da pombinha sagrada. Toda a festividade, nos diversos pousos pelos quais passa, carrega as mesmas características, ou seja, a ornamentação é um fator de identidade da festa.

**Figura 5:** Ornamento na entrada da casa da fazenda Beira-rio



Fonte: o autor.

Fator que não pode deixar de ser mencionado relaciona-se à identidade dos foliões. Segundo Hall (2006, p. 8), a identidade decorre “do nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. A folia, por acontecer nos arredores de Planaltina, nas fazendas, carrega em si uma caracterização dos homens do campo. Os foliões são identificados por características comuns, pois segundo Woodward (2000, p. 8), “a identidade é marcada por meio de símbolos”. Conforme Silva (2020), o primeiro traço identitário que podemos acessar é o pertencimento ao sistema religioso, pois a FDRP alinha-se ao catolicismo popular. O segundo traço identitário é a imagem do caipira. Conforme o autor:

O segundo traço identitário foi a imagem do caipira, ou seja, a utilização de indumentária<sup>6</sup> típica dos habitantes da roça: chapéu, botas, bainhas de faca, camisas de manga longa e de botão. Ao falar sobre essa indumentária surge a necessidade

6 Os foliões não se utilizam de indumentária especial, além do lenço e da divisa, para participar do rito.

de esclarecer o termo caipira. Cascudo (1999, p. 223), afirma que o termo “designa os habitantes do campo”. Desse modo, os foliões da FRP, por terem suas raízes nas fazendas e por celebrarem uma manifestação que tem por nome folia de roça, demonstram comportamentos e vestimentas que os identificam como caipiras, não de forma expressa, mas tácita. Ceron (2013) afirma que a manifestação, por ocorrer no ambiente rural, endossa as características do campo em seu contexto. Woodward (2000, p. 9) expõe que “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. Sendo assim, até mesmo as vestimentas são fatores determinadores da identidade dos foliões.

Nota-se que os foliões assim se caracterizam devido às necessidades do contexto. Nem todos são habitantes do meio rural, mas como a festa se dá no meio rural, eles se caracterizam como tal. Expressa Hall (2006, p. 13): “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”.

**Figura 7:** Guias e cantoria dos foliões durante o pedido de agasalho na fazenda.



Fonte: o autor.

Na figura acima, vemos uma caracterização a respeito das vestimentas dos foliões. Tal imagem revela a ritualização de um dos ritos da folia da roça: o pedido de agasalho. Nele, os foliões, após um longo caminho a cavalo, param na frente de uma fazenda, previamente escolhida, realizam um pequeno ritual - que compreende cantos, gestos e ações - e pedem autorização ao dono da casa para ali permanecer e realizar seus ritos.

Na figura abaixo, vemos os foliões realizando seu cantório em dueto, em terças paralelas. O cantório é um canto entoado pelo guia de folia, repetido, como forma de confirmação pelo contraguiá. Os demais instrumentos percussivos ficam

ao redor. O canto, segundo Silva (2020), tem na oração sua função primordial. Para além do canto, a música é o pano de fundo do ritual com o qual se realiza toda a FDRP.

**Figura 6:** Foliões no pedido de agasalho.



Fonte: o autor.

A partir da análise de Panofsky (1991), destaca-se que a constituição dos temas primário, nos mostra as formas diversas relacionadas com o contexto do catolicismo, seja em relação às formas que representam pessoas e animais (alguns com significado sagrado), seja em relação às objetivos de uso sacro ou convencionados pelo uso na tradição cristã, além de cores, gestos (também ligados ao contexto religioso). As ações, objetos e seres retratados nas imagens se ligam a conceitos e assuntos, constituindo os níveis de significados elencados por Panofsky (1991): o nível secundário. O nível intrínseco advém do contexto e dos valores simbólicos/culturais da obra.

#### 4. Considerações finais

A folia é recheada de simbologias/imagens. Neste artigo foram apresentados alguns aspectos centrais da festividade. De forma alguma conseguiríamos abranger toda a significação ritual, simbólica da festividade. Ao apresentar os símbolos centrais, bem como suas imagens, percebemos que a identidade da folia é marcada por meio de símbolos representados aqui por meio de imagens que emergem de um contexto que possui como pano de fundo a crença no Divino Espírito Santo.

O significado fátual (PANOFSKY, 1976) - de forma ampla - é, portanto, de que o conjunto de imagens se concatena com a devoção, crença e fé e expressam concepções de crença e visões de mundo de um povo que crê no Divino como Divindade que lhes dá apoio e consolo. As imagens possuem a faculdade de levar os foliões à conexão com o sagrado, além de revelar aspectos identitários.

## Referências

- BAPTISTA DE LIMA, Manuel C. A introdução do culto do Espírito Santo nos Açores e a sua influência na simbólica e arquitectura religiosa dos séculos XV e XVI. **Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira**, v. XLIII, Angra do Heroísmo, 1985.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CASTAGNA, Paulo. A musicologia enquanto método científico. **Revista do Conservatório de Música da UFPel**, Pelotas, n. 1, 2008. p. 7-31. ISSN 1984-350X. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/333149908\\_CASTAGNA\\_Paulo\\_A\\_musicologia\\_enquanto\\_metodo\\_cientifico\\_Revista\\_do\\_Conservatorio\\_de\\_Musica\\_da\\_UFPel\\_Pelotas\\_n\\_1\\_2008\\_p\\_7-31\\_ISSN\\_1984-350X](https://www.researchgate.net/publication/333149908_CASTAGNA_Paulo_A_musicologia_enquanto_metodo_cientifico_Revista_do_Conservatorio_de_Musica_da_UFPel_Pelotas_n_1_2008_p_7-31_ISSN_1984-350X) > Acesso em 30 julho. 2021.
- CORRÊA, Luiz Nilton. **Festa do Divino Espírito Santo: dois Açores ao Brasil, um estudo comparativo**. Universidade de Salamanca (Espanha), 2012, 272 p. Disponível em: [https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/115633/DSC\\_NiltonCorreaL\\_FestadoDivino.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/115633/DSC_NiltonCorreaL_FestadoDivino.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 30 de julho 2021.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979.
- FALBEL, Nachman. **São Bento e a ordo manachorum de Joaquim de Fiore (1136-1202)**. **Revista USP**. São Paulo, 1996. p. 273-276.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1ª ed. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEAL, João. **As Festas do Espírito Santo no Açores: um estudo de antropologia social**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- LOPES, Aurélio. **Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo**. Chamusca: Cosmos, 2004.
- MEIRA, Elinaldo da Silva. **No lugar da Rua do Porto, das poéticas de uma Festa**. 250 p. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas. 2009.
- PANOFKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. Trad. Keese e Guinsburg 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

- ROSSATTO, Noeli Dutra. A Simbólica do Divino: Remanescentes Joaquitimitas na Cultura Luso-Brasileira. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria (RS), p. 09-19, 2006.
- SILVA, Givael Lima da. A sonoridade da Folia do Divino em Planaltina-DF: a música no contexto da folia da roça. 2020. 186 f., il. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- SILVA, Adriana de Oliveira. **A folia do Divino**: experiência e devoção em São Luís do Paraitinga e Lagoinha. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.8.2009.tde-10012010-161738. Acesso em 30 de julho de 2021.
- TURNER, Víctor W. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.
- TAMBIAH, Stanley. **Culture, Thought, and Social Action**. An Anthropological Perspective. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais*. 6. ed, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.